

Escola, memória e ensino

Ailton José Morelli*

Resumo: O objetivo desse trabalho é analisar o impacto do sistema educacional na memória do período infantil e adolescente e contribuir com o debate da memória da educação brasileira. Esse texto é uma parte da tese de doutorado Memórias de infância em Maringá: transformações urbanas e permanências rurais (1970-1990). Para a realização da pesquisa, foram entrevistadas pessoas que moraram em Maringá no período analisado, nascidas entre 1960 e 1980. Seguiu-se uma distribuição geográfica de suas moradias, estratégia que permitiu uma visão mais ampla da cidade, inclusive da periferia. A abrangência das perguntas possibilitou a análise da relação dos entrevistados com o seu cotidiano: moradia, alimentação, brincadeiras, trabalho, relações de vizinhança e dos adultos com as crianças; e com a cidade e os serviços oferecidos: saúde, educação, lazer, transporte, entre outros. O trabalho com as fontes orais, além de analisar como o processo complexo de urbanização da cidade ficou registrado na memória dos depoentes, ainda permitiu o aprofundamento na questão da formação da memória da infância nos adultos. Entre as entrevistas, vários são os contrastes percebidos no processo de urbanização de Maringá, evidenciando-se aqueles relacionados ao ensino. O limite entre percorrer todas as etapas de estudos, do pré (creche no período) até a universidade, e ficar fora de todo o processo está presente nos depoimentos. Alguns fatores podem ser elencados, como as condições econômicas da família, a organização dos serviços públicos, a formação dos pais e dos outros adultos próximos. Enfim, é um processo que continua proporcionando lembranças de uma escola maravilhosa para uns, e a dúvida de não saber por que a escola esteve ausente de suas vidas, para outros. Os relatos são ricos em detalhes, como as lembranças dos primeiros dias, o desejo de estudar, a tristeza de não poder iniciar ou continuar os estudos, as dificuldades das longas caminhadas, a influência dos pais em todo esse processo, entre outros. Algumas décadas separam o relatado do vivido pelos entrevistados, oportunizando o contato com alguns traços da sociedade maringaense que permaneceram firmes e ainda podem ser percebidos em novos bairros ou nas cidades vizinhas. O trabalho com memória escolar ou do sistema de educação formal abre um amplo campo de trabalho para as práticas do ensino de história, principalmente colocando os alunos em contato com acervos orais existentes, com a produção de entrevistas e produzindo essas entrevistas com os próprios alunos, sendo assim, proporciona a interação dos alunos com sua história pessoal, a relação desta com a historiografia e com a própria noção de produção historiográfica.

Palavras-chave: memória, ensino, Paraná, infância.

O trabalho com memória escolar ou do sistema de educação formal abre um amplo campo de trabalho para as práticas do ensino de história, principalmente colocando os alunos em contato com acervos orais existentes, com a produção de entrevistas com diferentes sujeitos e com os próprios alunos, como entrevistadores ou entrevistados. Dessa forma, ocorrerá a interação dos alunos com sua história pessoal, a relação desta com a historiografia e com a própria noção de produção historiográfica. Para exemplificar essa proposta, serão apresentados e analisados trechos de entrevistas que enfocaram a memória de adultos de seu tempo escolar¹, discutindo a formação do ensino escolar em Maringá.

Os discursos e as iniciativas de apoio ao ensino público são presentes no Brasil desde o início do século passado. A distância, contudo, entre os discursos e a prática foi evidente para a população que dependia do ensino público. A ampliação das escolas rurais, por exemplo, era uma prática diretamente ligada a iniciativas dos moradores de fazendas, com ou sem apoio dos proprietários da terra. Nas cidades, após a década de 1950, o sistema de ensino público amplia sua ação e, no caso de Maringá, é relevante a ação estadual na instalação de escolas.

A preocupação em criar condições de ensino para os filhos dos primeiros moradores de Maringá, contada em memórias e outros documentos, é evidenciada nos primeiros tempos da formação do Patrimônio de origem, em 1942. A organização dos recursos, do local e a contratação da primeira professora tornaram-se exemplos da ação maringaense na solução dos problemas, uma vez que cada um procurava ajudar com alguma parte até atingir a meta prevista. Após iniciar a discussão sobre a necessidade da escolarização, a estrutura foi construída e inaugurou-se a primeira escola da cidade, denominada de Casa Escolar do Maringá Velho.

Rodrigues (2009, p. 57-58) relata o processo de ampliação da escola para atender à demanda rápida e crescente pelos serviços da primeira professora, Dirce de Aguiar Maia. Em menos de um ano, mais três professoras se juntaram, resultando, assim em duas salas de aulas e quatro professoras. No ano seguinte, foi construída a nova escola:

[...] no segundo semestre de 1947, foram transferidos para as novas instalações. Dada à arquitetura do prédio, salas não mais multisseriadas a população local passou a chamá-lo de Grupo Escolar Maringá Velho. (RODRIGUES, 2009, p. 57-58)

Nas décadas seguintes, o poder público municipal da, então, cidade de Maringá iniciou a rede escolar, porém a manteve quase exclusivamente na zona rural. Na área urbana, foram instaladas escolas estaduais e particulares (quadro 1).

No âmbito da educação municipal, ainda que esta fosse apontada como preocupação desde o momento da criação da cidade, ou mesmo antes, era destinada pouca atenção ao funcionamento da própria rede. Os problemas com os salários dos docentes, claramente exposto nos depoimentos dos primeiros professores², era recorrente, pelo próprio descaso do poder público, ocorrência referida na gestão do prefeito Américo Dias Ferraz (gestão 1956-1960), ou sob o pretexto de falta de recursos.

A situação das escolas rurais, como afirmam Amaro e Rodrigues, ainda se apresentava bastante crítica:

O modelo implantado foi o mesmo que vigorava para a educação rural no Brasil de uma forma geral. Eram escolas construídas com madeira, sem iluminação elétrica, com instalações sanitárias externas, com uma ou duas salas de aula, cozinha anexa, classes multisseriadas e inexistência de uma equipe técnico-administrativa na escola. Ministrava-se apenas o ensino primário (AMARO; RODRIGUES, 1999, p. 374)

Uma depoente, antes de vir para Maringá, estudou em uma escola rural com os irmãos e descreve assim a experiência:

Joana: ...e lá a escola era, uma escola em determinado sítio, distante que as crianças ou iam a pé, ou a cavalo ou da maneira que pudessem, mas era uma escola que tinha, que pra época até talvez fosse boa, mas era de primeira até a quarta série, e todos estudavam juntos, na mesma sala, porque a professora era uma só pra todo mundo,

iii isso eu me lembro de meu pai te falado várias vezes, até fala que ia incentivar a gente a estuda,

O descompasso entre a concentração de escolas na zona rural e a progressiva concentração demográfica na zona urbana persistiu até meados da década de 1980 (AMARO; RODRIGUES, 1999; MARCHI, 1988).

O ensino na área urbana, como indicado anteriormente, era atendido por escolas estaduais e particulares, sendo algumas de orientação religiosa, conforme aponta Pasquini:

A diocese de Maringá foi criada em 1º de fevereiro de 1956, e a posse do primeiro bispo diocesano se deu em 24 de março de 1957. Desde então, D. Jaime Luiz Coelho atuou junto à sociedade maringaense, em específico, na década de 1950, e foi responsável pela manutenção e instalação dos principais colégios privados de denominação religiosa católica. O Colégio Santa Cruz foi o primeiro que se fez presente em Maringá, a partir do ano de 1952; o Colégio Santo Inácio foi fundado em 1957 e o Colégio Marista de Maringá instalado em 1958, a pedido do próprio bispo, ex-aluno do Colégio Marista de Franca, estado de São Paulo. (PASQUINI, 2009, p. 16)

A existência dessas escolas não era garantia de uma formação continuada até o ensino médio ou superior. As dificuldades de acesso ao ensino após as primeiras quatro séries e as condições de vida dos alunos de baixa renda são parte desse problema. A avaliação apresentada no Plano Diretor de Desenvolvimento (PDD) descreve:

Assim, logo no início são “peneirados” todos aqueles que não estão aptos a enfrentar essa corrida, porque os programas não correspondem às suas necessidades, porque não têm saúde, porque a situação social e econômica de sua família não é correspondente ao padrão para o qual a escola está preparada. [...]

Na rápida análise referente ao problema da seletividade, verificamos que ele se evidencia pela evasão escolar (somente uma pequena parcela dos que ingressam no 1º ano logram chegar até o 4º ou 5º ano), pela deserção ou evasão imediata (do contingente matriculado no mês de fevereiro, somente uma parcela permanecerá até o mês de novembro, época dos exames finais) e pelo índice de reprovações.

Esta grande parcela da população escolar (os reprovados e os desertores) irá novamente requisitar matrícula na mesma série do ano letivo seguinte, caso não abandone definitivamente a escola (MARINGÁ, 1967, p. 150).

A análise mostra também os equívocos ao considerar o crescimento das matrículas como aumento real de ingresso e permanência no sistema de ensino. Uma vez que, no final do ano, muitos já não se encontravam na escola, os números iniciais são bem pouco significativos e sequer oferecem garantia de que o aluno matriculado chegou a comparecer às aulas. Novamente, a relação entre a disponibilidade de serviços e a melhoria da qualidade de vida é colocada em cheque, pela falta de efetivo enfrentamento dos problemas que envolvem a população.

O depoimento abaixo, antes de se deter em questões mais específicas relativas ao ensino, aponta um conjunto de fatores que permitiram, de forma inquestionável, que o depoente se aproximasse de lembranças típicas de adultos que frequentaram a escola quando crianças:

Joana: e se você for considera assim, os anos de primeira a oitava série que hoje seria ensino fundamental, seria a mesma coisa, a escola era perto de casa, nós já conhecíamos algumas professoras assim de vista do bairro sabia que aquela pessoa era professora da escola, eee... eu me lembro inclusive da minha primeira professora porque ela era mesmo moradora do bairro, então já conhecíamos ela era uma senhora muito boazinha e a escola era grande, eu achava que era um monte de alunos não sei se era realmente, mas achava gigantesca, porque a escola era muito grande era a quadra toda construída pra escola, e eu achava maravilhoso porque tinha um parquinho magnífico, coisa que pra mim era uma coisa diferente, imagina balanço, escurrega e gangorra né tudo pintadinho, tudo bunitinho pra aquilo era novidade, então foi um espetáculo, tinha uma horta, que as crianças também trabalhavam com a horta e tinha uma casa em separado que era do caseiro da escola, que cuidava da escola, merenda todos os dias, ótima! Eu deixava de comer em casa

pra come na escola, era muito boa mesmo, as merendeiras eram muito caprichosas e faziam, tinha dia que era comida mesmo, tinha dia que era macarronada, três hora da tarde era macarronada, no outro dia era polenta com carne, pão com leite, sagu, éé... arroz doce tá, então era muito bom, era muito gostoso, a professora, eu nunca tive dificuldade ééé... de aprendizagem nenhuma, de relacionamento com o professor também nenhum então assim, lembranças, só tenho lembranças boas desse período, não tive dificuldade porque já fui sabendo alguma coisa, também meu pai já tinha ensinado alguma coisa em casa e fiz um prézinho que não sei se era obrigatório naquela época, também nem sei se é obrigatório hoje, mas há tanto tempo atrás acho que era mais um luxo do que obrigatoriedade, mas fui sabendo alguma coisa, lembro da primeira professora, lembro da segunda, fiz até a oitava ali, com todos aqueles amigos dali mesmo, não vinha gente de fora assim pra estuda ali, eram todos que se conheciam, ou se conheceram ali, mas mais longe, mais perto, mas eram do bairro mesmo iiiii nós tínhamos as aulas normais, tinha avaliação através de prova, prova... exatamente de primeira a quarta eu não me lembro muito bem, mas me lembro que tinha prova, que tinha trabalho ééé coisa pra fazer em casa, isso teve todos os anos.

Vários pontos chamam a atenção no decorrer desse depoimento. O principal é o encantamento com a escola. A escola ganha cores, ganha contornos mágicos, possui medidas gigantescas e, ainda, era um lugar “maravilhoso porque tinha um parquinho magnífico”. Não faltam adjetivos nessas poucas linhas em que Joana descreve seus oito anos de estudos. Outro ponto significativo é a confirmação em suas palavras da participação do pai nesse processo. A mudança visou dar condições de estudo, e os pais participaram, juntamente com as irmãs mais velhas, de sua primeira formação, das primeiras letras. Outros detalhes, como o fato da escola ficar perto de casa e a circunstância de as professoras e os amiguinhos serem vizinhos, mais próximos ou não, reconhecidos como do bairro, dão cor e magia ao depoimento. Difícil não se envolver e não visualizar a criança nesse espaço que sente como seu, onde se vê como pessoa, onde cresce, percebendo-se na infância e na passagem para a adolescência. Algumas falas aproximaram-se desse encantamento, outras ficaram muito distantes dele.

A localização das escolas é uma questão que envolve debates e planejamentos governamentais até os dias atuais. A distribuição dos prédios, as tentativas de “racionalização” das matrículas, as reformulações do número de alunos por sala, visando atender mais crianças sem gastos com construção e salários de mais professores - estes são problemas frequentes de um país em que educação é prioridade apenas nos papéis e nos discursos.

O problema da distância e as dificuldades dos alunos para chegar às escolas foram apontados no PDD (1967) e enfrentados por muitas crianças em Maringá. Ressalta-se entre as dificuldades dois pontos críticos: o primeiro, refere-se aos alunos moradores nas zonas periféricas e que precisavam superar trajetos sem urbanização mínima; quando havia vias públicas, estas em geral não possuíam pavimentação asfáltica ou, em muitos casos, nem mesmo cascalhamento. O segundo, envolve os alunos que precisavam passar por toda a área central para chegar à escola, enfrentando o trânsito dos veículos, principalmente caminhões, ou a travessia da linha do trem.

As crianças moradoras na zona urbana, nas regiões mais próximas dos limites da cidade com a zona rural e aquelas que moravam em sítios ou chácaras, demonstravam grande dificuldade. É importante deixar claro que, antes de ir para a escola essas crianças precisavam sair do sítio e percorrer um trajeto consideravelmente extenso. Nos dois casos dos depoentes moradores em sítios, além da distância, a dificuldade para chegar à escola aumentava pela necessidade de atravessar pastos, matas, passar por animais, entre outras complicações.

No primeiro relato, ir para a escola significava um sofrimento diário, não pela escola propriamente, na qual a depoente foi impedida de continuar contra sua vontade, mas pelo trajeto:

Mara: Olha a escola que eu ia, era uns 4...5 quilômetros pra baixo da onde a gente morava, no Mandacaru mesmo só que eu não me lembro o nome do rio que tem lá,

num me lembro, mas tinha uma escola de madeira né, aquela bem alta do chão também de porão e a gente ia na escola passava, atravessava todos aqueles pastos, tinha vaca braba, tinha cachorro brabo, então era uma coisa que a gente ia, já ia com medo, ia chorando e tinha que i né, é de manhã cedo, sereno, orvalho, foi muito sofrido, o pouco tempo que eu fui, na escola aqui em Maringá...

No relato seguinte, o sofrimento é mais atenuado na fala, mas o esforço para se chegar à escola é claro. O grau de detalhes desse trajeto mostra o quanto foi marcante para o depoente. Em alguns momentos, percebe-se a possibilidade de uma pequena diversão, mas não se trata de um passeio. Era preciso chegar na escola, com horário estabelecido e com condições minimamente apresentáveis. Ao final do período, voltar percorrendo, como afirma, mais de uma hora de "mato e poeira".

Nádia: meu pai foi procura, foi procura éé um poco mais de comodidade pra família dele, porque o que que acontecia quando a gente morava no sitio, nós tínhamos que anda muito, muitos quilômetros pra chega na escola a pé, então o carreador³ era longo era íngreme éé a gente andava em torno dii uma hora, uma hora e poquinho pra chega na escola, então isso na ida e na volta, sozinhos né, então no primeiro, quando eu entrei no primeiro ano que foi no ano de 1978 eu tinha, ia faze 8 anos não tinha ninguém pra i na escola comigo aí meus pais me mandaram pra casa dos meus avós que moravam em Borrazópolis, eu fiquei morando um ano com meus avós, pra pode í na escola, nu segundo ano eu voltei pra casa dos meus pais, porque aí já tinha meu irmão que iria, começaria a faze a primeira série, só que aí nesse meio tempo já mudou o meu tio que é irmão do meu pai, que tinha também vários filhos como o meu pai, um poquinho mais velhos inclusive que aí íamos todos juntos pra escola, a gente estudava no José de Anchieta que é pra baixo da ABB bem pra baixo da ABB, vindo em direção a zona 4, fica na zona 4, se eu não me engano José de Anchieta, então aí íamos eu e meu irmão e as minhas primas ... então a gente ia nu carreador, depois a gente passava por ummm, por ummm trilho, por uma trilha, melhor dizendo, que era parte mato e parte uma chácara, ele era ao lado de uma chácara que tinha muro é e a gente passava bem ao lado e du lado, du lado então esquerdo era chácara e du lado direito era tudo mato, mato assim nu é mata, era desmatada, mas era um lugar abandonado, porque a gente ia pegando é tem um, esqueci o nome daquilo, tem um, tinha um matinho que dá umas bolinhas que a princípio elas são verdes, depois elas ficam éé, maria preta a gente chamava, aí elas ficam bem escurinhas assim, roxinha, a gente ia pegando aquilo, tinha juá, ce conhece juá? A gente ia pegando juá, tudo mundo, dessa trilha, aí a gente entrava numa parte de asfalto piquinininha também, piquinininha, praticamente atravessava esse asfalto entrava numa outra trilha e só quando chegava na ABB que tinha asfalto de verdade, aí chegando na ABB, ali na Associação do Banco do Brasil, a gente descia até a escola com asfalto, mas até chega ali a gente ia cortando caminho e mesmo essa rua que hoje passa bem em cima que antes era o sítio essa rua não era asfaltada, ela era asfaltada que faz poco tempo que passo asfalto, então era assim, não lembro du meu pai leva a gente de carroça, pra pra escola, pode até te acontecido, a única coisa que eu lembro é que uma vez o tio compro um jipe e numa festa junina que era a noite ele levo a gente de jipe, a única lembrança que eu tenho de te ido motorizada pra escola... com chuva eu num ia pra escola, eu lembro de assim, é que acontecia que as vezes, na volta pegava chuva, uma vez chuveu tão forte, tão forte mais tão forte e um vento muito forte que ele quase levava eu e meu irmão a gente já tava descendo o carreador, mas chovia e ventava muito forte que a gente num conseguia nem anda direito, mas a única vez também que eu lembro de te pego chuva, devo te pego outras vezes, mas assim essa que me marco porque era muito forte, a gente quase foi levado mesmo, porque era todo mundo pequeno e magrinho né, ham mas a gente ia a pé e era assim ia cortando, a essas trilhas que a gente ia cortando né, porque se a gente fosse seguiu a rua mesmo até andaria um poco mais di nu asfalto, mas aí o caminho quase que duplicava, então a gente ia cortando... ééé... e daí isso aí em 79 em 80 a gente passo pra outra escola que é chamada Odete Ribaroli, a Odete Ribaroli era um poquinho mais próximo, é mais de qualquer forma ainda muito longe, iiiiii i aí eu acho que... nuuuuu, aí logo em seguida a gente... mudo pra essa chácara aí fico perto, porque pra chega na escola era 15 minutos a pé, 15 não não, uns 20 porque criança vai devagar né...

O caminho percorrido para chegar à escola foi a parte mais extensa e a mais detalhada em todo o depoimento de Nádia ao se referir aos estudos. Neste relato fica evidenciado que o percurso era quase uma aventura diária, marcada por momentos de esforço e de dificuldades, e longe de ter momentos de diversão, apesar de existirem. Esta situação se atenua com a mudança para outra casa, uma chácara mais próxima de uma escola, onde se podia chegar depois de uma caminhada de aproximadamente 20 minutos.

No primeiro relato, o “sofrimento” imposto pelo trajeto durou até que a criança não fosse mais para a escola. Ficou livre daquele “sofrimento”, mas, por outro lado, além de não poder continuar os estudos, iniciar-se-ia aos nove anos no trabalho da roça; em outras palavras, trocou um esforço por outro, um sofrimento por outro. Não é por poucos motivos que a depoente alega não ter tido infância.

No segundo, após os pais conseguirem nova mudança na cidade, de emprego e de residência, o acesso à escola ficou menos penoso. Sem a dificuldade de percorrer o carreador, já que a casa ficava mais próxima da estrada, restava apenas o trajeto de cerca de 20 minutos. Assim, assemelha-se mais das condições encontradas nos relatos dos outros entrevistados, em que as escolas eram mais próximas das casas deles.

No relato a seguir, a questão do medo chama a atenção:

Clara: ... então no começo meu pai levava a gente, mas depois qui, qui a gente aprendeu bem o caminho a gente fazia, hoje se você for pensa não é tão longe mesmo ali do centro até a até a escola, mas sempre com aquela orientação de num ouvi ninguém, se alguém para, não fala, tinha aquele receio, então inicialmente nos primeiros dois anos, a gente ou três que a gente mudou pra cá tinha todo aquele cuidado, depois não, daí a gente foi conquistando o espaço da gente, as amizades e fico mais tranquilo...

Nos outros casos analisados, em nenhum momento o medo alcançou esse significado. Encaminhar a filha para passar um ano na casa dos avós para, no ano seguinte, poder contar com a companhia do irmão, embora mais novo, não se pode considerar como algo exagerado, tendo em vista todo o trajeto que era necessário percorrer por uma criança de sete para oito anos. A situação torna-se diferente no caso do medo da cidade maior, “aquela orientação de num ouvi ninguém, se alguém para, não fala...”. Essa situação foi analisada no estudo da Água da Jacutinga por Bressianini: o medo dos pais centrava-se na cidade, nos estranhos, principalmente no caso das meninas, enquanto o medo de percorrer o pasto com animais ou transpor mata fechada não apareceu em nenhum depoimento (BRESSIANINI, 2006).

No relato a seguir, Nádia descreve como conseguiu conciliar seus estudos escolares com as atividades domésticas, ajudar nos serviços de manutenção do sítio e, posteriormente, fazer curso de datilografia e trabalhar no comércio. Porém, confirma as dificuldades com as atividades extra-sala:

Nádia: Então ia pra escola de manhã, a quinta série eu estudei a tarde, a sexta série eu também estudei a tarde, a sétima série de manhã e a oitava série eu comecei de manhã e passei pra noite porque na oitava série eu já tinha treze pra catorze anos, ééé eu não sei eu só sei que comecei de manhã e fui pra noite, porque eu comecei a trabalha na farmácia, que eu não sei se ainda existe que é a farmácia do povo, eu tinha catorze anos, quando eu comecei a trabalha lá, então, mas a sétima serie eu fiz de manhã com certeza. Então é quando eu estudava de manhã... a tarde, então de manhã tinha que faze as coisas da casa né, ajuda a minha mãe a lava loca, a limpa casa, arruma cama essas coisas que a minha mãe ficava com a roupa, lava roupa iiiii iii , lavava roupa iii fazia o almoço, então eu não tinha muito tempo pra brinca, só no final de semana mesmo, que minhas primas ia lá, que o pessoal ia lá, porque novamente passo a ser lá o ponto de encontro, porque melhor ainda, porque quem continua morando no sítio gostava de vir pra lá, porque estava bem mais perto da cidade entendeu. Então vinha pra nossa casa. Af na sétima série eu estudava de manhã e a tarde eu tinha que lava loça, limpa casa, teve um pequeno período que minha mãe me fez lava um poco de roupa também, porque as mais, as roupas mais novas assim ela num deixava, mas eu tinha que lava um poco de ropa, foi nesse ano

que eu fiz datilografia, todo mundo tinha que faze datilografia naquela época, então eu tinha treze anos eu já podia faze datilografia. Então eu acho quando dava umas quatro e meia, minha datilografia era das cinco as seis sabe. Então eu ia pra datilografia depois. Aí a noite descansava um pouco e começava tudo de novo no outro dia, ir de manhã pra escola, e aí as brincadeiras ficava mais pro final de semana, os encontros ali. Quando eu fiz catorze anos eu tava na oitava série aí eu comecei a estuda de manhã e logo no segundo sem... bimestre eu tive que passa pra noite porque aí eu comecei a trabalha na farmácia do povo. Então eu ia de manhã e estudava a noite aí não tinha mais tempo, aí o que resto mesmo foi o domingo, mas aí como eu comecei a trabalha eu ganhei a minha independência, então já não brincava mais aí saía com as minhas primas que eram mais velhas ...

A participação dos pais é uma questão delicada na análise das lembranças dos depoentes. Não há relatos sobre a participação deles em atividades como estudos, lições, reuniões nas escolas, verificação de notas ou outras atividades pedagógicas. Alguns depoentes, como Ana, Clara e Carlos, justificam essa atitude em virtude dos pais serem muito ocupados e não possuírem tempo para essas formas de acompanhamento. As lembranças estão relacionadas, principalmente, ao direcionamento dos filhos para a escola quando crianças. Contudo, no caso de Mara, de Rita e dos amigos de Carlos e de Mário, o direcionamento se deu para o trabalho rural no sítio da família ou em outros empregos, impedindo o ingresso dessas crianças na escola e a continuidade dos estudos.

Como afirmam Amaro e Rodrigues (1999, p. 382), a rede municipal completa, incluindo escolas na zona urbana, da pré-escola até a 8ª série, efetivou-se apenas no início da década de 1980. E, a partir de então, iniciam-se trabalhos mais sistemáticos como de orientação dos docentes, de ampliação dos turnos e contraturnos, em conformidade com as políticas federais de estabelecimento de merendas em todas as escolas, e distribuição de material escolar.

Passou a ser mais frequente a preocupação com a continuidade dos estudos nos discursos políticos, como no PDD (1967), por exemplo, bem como reivindicações e movimentos da sociedade para a melhoria do ensino e da formação em todos os níveis educacionais. A continuação dos estudos efetivada por alguns indicou novas perspectivas em educação na cidade, bem como as possibilidades de acesso ao ensino médio, profissionalizante e superior:

Nádia: aí eu já tinha quinze anos, isso, éé... minhas primas também nessa faixa ééé tinha uma com catorze uma com dezesseis e outra com dezoito, e aquelas moças já estavam terminando a faculdade, terminando, já tinham terminado né já fazia tempo, porque elas faziam faculdade desde quando eu morava lá embaixo.

Joana: a minha era... a minha era... uma escola, normal que se tem hoje, aquela escola, onde eu estudei era de primeira a oitava série, normal entrava-se com sete anos, ou assim que se completasse sete anos, de primeira a oitava. Então termino a oitava tinha que sai dali e procura uma outra que tivesse segundo grau, mas era como é hoje. E de segundo grau, bom como não tinha ali, eu fiz no mesmo bairro que tinha outra que a primeira de quinta a oitava era no Baiton Júnior e sai dali e fui pra JK tinha o segundo grau do primeiro até o terceiro ano... as minhas irmãs foram, a mais velha pro Instituto, quando veio pra cá, foi direto, pro Instituto. Eu não lembro que ano que ela foi, mais foi, e os dois abaixo dela foram para uuu... Brasília Itiberê.

Clara: quando eu fui pro ensino médio, era por opção, eu lembro que assim eu fiz sanitarismo, tinha opção, tinha área de elétrica que minha irmã fez e tinha não sei quais são as outras áreas que existiam, então você tinha que faze uma opção de área no ensino médio então daí já ficava com, acabava você trocando mais com aquelas pessoas que tinham opção daí com a área, que você, então aí acabava ficando por opção, a formação de grupo era maior, não no Osvaldo Cruz, porque não tinha mais porque todo mundo conhecia todo mundo, porque era uma escola pequena... e depois que eu fui pra pra, ai não to fazendo confusão, dexa eu vê, no Gastão Vidigal eu fiz a oitava série e depois o ensino médio no Gastão Vidigal, foi isso mesmo ... depois eu fui pra escola grande que é o Gastão Vidigal, então daí já modificou essa

referência de conhece todo mundo, ainda mais que daí nessa época

A continuação não era regra, como afirmou Mário: "...dos meus amigos de infância, talvez eu seja o único a ter concluído o curso superior...". Dentre os que não iniciaram os estudos na infância ou foram retirados do processo para o trabalho, a relação com o ensino demonstrou condições muito frágeis. Um dos motivos indicados para não continuar os estudos foi o custo do material. Contudo, o depoimento seguinte não deixa evidente que os custos exigidos para manter-se na escola pública fossem muito altos:

Clara: Olha tinha os livros também que tinha que compra, mas escola pública não era forte essa coisa duu, não tinha muito gasto com livro, como tem hoje em dia, era outra referência né, é eu lembro que tinha muitos exercícios que a gente fazia, por exemplo matemática, tinha um caderno esse marco na minha vida a professora Norma, que era muito exigente em matemática, a gente tinha um caderno só pra disciplina dela então tinha que passa a limpo tudo, entrega pra ela, e esses materiais normais, mas eu acho que não tinha esse consumismo que tem hoje né, não tinha essa sobrecarga que tem hoje de tanta coisa, era mais reduzido, e uma outra característica que assim agora eu to lembrando, a gente fazia muito trabalho na biblioteca Municipal, até porque era uma escola central, muita gente morava né, era de tudo quanto é lado, mas tinha uma turma grande que morava ali perto também, ali nessa região central então a gente combinava muito de estuda, nessa biblioteca central e de pega livro na biblioteca, faz leitura.

Em outro depoimento, informa-se que a exigência existia. No caso de Joana, a necessidade de aquisição de material escolar não foi motivo para impedir seus estudos. Porém, seu depoimento indica que principalmente os livros, representavam uma preocupação, ou seja, era difícil adquiri-los, devido ao custo:

Joana: material escolar, não lembro, de primeira a quarta não me lembro, me lembro de quinta a oitava, nós fazíamos muita troca de livros com as séries que já tinham cursado. Então assim se a gente conhecia alguém do ano seguinte, a gente já meio que combinava, olha se termina o ano ce me passa seus livros e é claro que nós passávamos os nossos pros demais ééé mais eu acho que eles eram comprados, porque se nós fazíamos essas trocas provavelmente porque eles fossem comprados, mas eu não, não sei, não tenho certeza, mas também não lembro de ter recebido nada da escola, pacotes que viriam do governo, já que era uma escola pública ééé com caderno, livro, é caderno, lápis essas coisas eu não me lembro de te recebido.

Nesse depoimento, encontra-se uma forma de superar essas dificuldades. Porém, a situação de Lara foi diferente. Como muitos que possuíam o dinheiro contado e apenas concebiam o trabalho como o encaminhamento mais óbvio para atender às necessidades de sobrevivência, os custos com estudo passam a ser demasiados, de tal forma que se tornam impeditivos para que a depoente usufrua dos serviços básicos de ensino que a urbanização proporcionava:

Lara: a mulher que eu cuidava era muito católica e me incentivava para batizar... crismar... eu fazia companhia para ela né... então ía sempre... ía na igreja com ela... aí precisava fiz a catequese... para fazer a catequese fiz uuuu... supletivo... queria continuar mas não deu não, os livros eram caros tinha de comprar material deixei para lá... fiz até o quarto ano só... mas sei lê escrevê...

As dificuldades são muitas diante dessa situação. Apesar de morar com uma senhora, que se tornaria sua madrinha de crisma, o incentivo para os estudos se limitou a atender as prioridades religiosas. Trata-se de um estímulo que faltou nos primeiros anos de infância e, até hoje, Lara não compreende por que os pais não a encaminharam, assim como aos irmãos, para a escola. Além disso, faltou incentivo também quando, com doze anos, trabalhava de doméstica na casa de duas professoras que "nunca perguntaram por que [...] não ia para a escola".

Entre todas as entrevistas, vários são os contrastes percebidos no processo de urbanização de Maringá, sendo que em relação ao ensino ficam bem evidentes. O limite entre percorrer todas as etapas de estudos, do pré (creche no período) até a universidade, e ficar fora de todo o processo está presente nos depoimentos. Alguns fatores podem ser elencados, como

as condições econômicas da família, a organização dos serviços públicos, a formação dos pais e dos outros adultos próximos. Enfim, é um processo que continua proporcionando lembranças de uma escola maravilhosa para uns, e a dúvida de não saber por que a escola esteve ausente de suas vidas, para outros.

Quadro 1 - Rede escolar primária em Maringá, 1967

		Grupo Escolar	Escola Isolada	Casa Escolar	Total de Alunos	Percentagens
Estadual Z.U.		16	-	-	13.567	71,3
Municipal Z. R.		-	36	-	2.814	14,8
Particular Z.U.	Convênio	1	-	-	183	1,0
	Sem Convênio	11	-	-	2.400	12,9

Fonte: Maringá, 1967, p. 138. [Z.U. zona urbana, Z.R. zona rural]

Notas

* - Doutor em História Econômica (USP, 2010), professor do Departamento História (UEM). e-mail: ajmorelli@uol.com.br

1 - Esse texto é parte da tese de doutorado Memórias de infância em Maringá: transformações urbanas e permanências rurais (1970-1990). Para a realização da pesquisa foram entrevistadas pessoas que moraram em Maringá no período analisado, nascidas entre 1960 e 1980. Seguiu-se uma distribuição geográfica de suas moradias, estratégia que permitiu uma visão mais ampla da cidade, inclusive da periferia. Os nomes dos depoentes foram trocados por nomes fictícios.

2 - As condições de trabalho e a relação dos primeiros professores com a formação da rede de ensino na cidade de Maringá foram analisadas por MORI (1998).

3 - Estrada aberta dentro do sítio entre lavoura. Nesse caso entre o portão e a casa.

Bibliografia

AMARO, Hudson Siqueira; RODRIGUES, Isabel Cristina. Educação municipal em Maringá: uma história em meio século. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.). *Maringá e o norte do Paraná*. Maringá: EDUEM, 1999. p 371-388.

BRESSIANINI, Valéria Aparecida. *A infância no povoado da Água Jacutinga: um breve estudo sobre a convivência de crianças da área rural de Ivatuba, Noroeste do Paraná (1960-1980)*. Maringá, UEM, 2006. Monografia (Especialização) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

MARCHI, Neusa Altoé de. *Educação em Maringá: contexto sócio-econômico e político*. Piracicaba, 1988. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1988.

MARINGÁ, Prefeitura Municipal. *Plano Diretor de Desenvolvimento – Maringá*. PMM/CODEM/DATM, 1967.

MORELLI, Ailton José Morelli. *Memórias de infância em Maringá: transformações urbanas e permanências rurais (1970-1990)*. São Paulo, USP, 2010. Tese (Doutorado - História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. *Memória e identidade: travessias de velhos professores*. Maringá (PR): EDUEM, 1998.

PASQUINI, Adriana Salvaterra. *A ação político-educativa da Igreja Católica n'O Jornal de Maringá*. Maringá, UEM, 2009. Tese (Mestrado).- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

RODRIGUES, Ana Lúcia. *A pobreza mora ao lado: segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá*. São Paulo, PUC, 2004. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.